



## **Agroecologia na periferia: educação ambiental agroecológica em Entra Apulso, Recife - PE**

*Agroecology in the periphery: agroecological environmental education in Entra Apulso, Recife - PE*

CÔRTEZ, Nemo Augusto Mões<sup>1</sup>; CAMPOS, João Pedro Moreira de<sup>2</sup>; SOUZA, Karla Fornari de<sup>3</sup>; NETO, Nivaldo Nery Rodrigues<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, nemo.cortez@ufrpe.br ; <sup>2</sup> Associação Kapi'wara, jpmdecampos@gmail.com; <sup>3</sup> Associação Kapi'wara, karlafornaridesouza@gmail.com ; <sup>4</sup> Associação Kapi'wara, nivaldonery@gmail.com .

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Agriculturas Urbanas**

**Resumo:** O resumo apresenta processos e resultados que a Educação Ambiental Agroecológica, desenvolvida na comunidade Entra Apulso, trazem para a práxis das Agriculturas Urbanas. Propõe também uma reflexão sobre o desenvolvimento de uma Agroecologia Política no território urbano, especialmente nas periferias e favelas das cidades. Assim, esse resumo é um exercício inicial para a sistematização das experiências que vêm sendo desenvolvidas no território, através da parceria entre instituições locais. Foi realizada uma caracterização do território e em seguida uma reflexão sobre o ecossistema das articulações institucionais, suas demandas e potencialidades. Logo após, foi feita uma discussão sobre as ações coletivas no território. Finalmente, o resumo busca afirmar que a Agroecologia pode emergir nas cidades não apenas via Agricultura Urbana, mas também através do impulsionamento de organizações comunitárias, da gestão de resíduos sólidos, da segurança alimentar, da saúde e da educação popular.

**Palavras-chave:** agricultura urbana; território; agroecologia política.

#### **Introdução**

A discussão sobre a utilização de práticas e estratégias agroecológicas nas cidades vem ganhando força nos últimos tempos, vide a criação do Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana instituído pelo Decreto nº 11.700 de 2023. Porém, ainda é uma temática inovadora para grande parte das cidades no Brasil. A Agroecologia se enquadra no campo das novas ciências e está historicamente mais relacionada com os desafios do mundo rural e do campesinato do que com os desafios do mundo urbano, mas ainda assim é uma alternativa altamente resiliente e adaptável aos contextos rurais e urbanos.

Num cenário marcado pelo agravamento tendencial da crise socioecológica global, argumentamos que a agroecologia está se posicionando como uma estratégia de transição que abre novas perspectivas de autodeterminação e usufruto de direitos inalienáveis à segurança alimentar, à saúde integral e à preservação da qualidade de vida para as famílias sediadas nos mais diversos contextos rurais e urbanos. (ALTIERI, NICOLLS; 2021, p.253)

Essa nova ciência tem por essência a integração dos saberes históricos e ancestrais dos povos, das comunidades tradicionais e dos agricultores com os



conhecimentos integrados das diversas ciências, a fim de contribuir com a construção de novas estratégias e novos desenhos para agriculturas mais sustentáveis (CAPORAL; 2009, 2002). Sendo assim, a Transição Agroecológica tem se apresentado como o arcabouço técnico e metodológico necessário para colaborar com a transformação dos agroecossistemas a fim de construir sistemas agroalimentares sustentáveis, sejam no campo ou nas cidades. (CAPORAL, 2009, 2002; ALTIERI, NICOLLS, 2021; GLIESSMAN, 2016).

A Agroecologia surgiu com a proposta de ser ferramenta para uma mudança de paradigma e de visão de mundo, a fim de se tornar uma alternativa contra-hegemônica diante do avanço da Revolução Verde no campo. Sendo assim, a Agroecologia, enquanto uma abordagem transdisciplinar e holística, propõe uma nova visão para agricultura com objetivo de produzir alimentos saudáveis para todo povo brasileiro, correndo o mínimo possível de riscos de danos ambientais e colaborando com a promoção da SSAN - Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (CAPORAL; 2009). A partir dessa perspectiva acredita-se que a Agroecologia contribui diretamente para o desenvolvimento de uma Agricultura Urbana capaz ajudar na construção de cidades mais saudáveis, sustentáveis e resilientes.

O desenvolvimento da Agroecologia foi, de certa forma, impulsionado pela necessidade de construir estratégias diante do avanço da Revolução Verde, entre as décadas de 1950 e 1970. Dentre outros impactos socioambientais negativos, a Revolução Verde também foi responsável por alavancar o processo de desterritorialização dos povos do campo, contribuindo com o êxodo rural e consequente aumento populacional e crescimento desordenado dos centros urbanos (OCTAVIANO, 2010). Sendo assim, percebe-se que as dinâmicas sociais, econômicas e políticas da interface campo-cidade estão ampla e intimamente conectadas. A migração do campo para as cidades a partir dos anos 1960 no Brasil, ao mesmo tempo que contribuiu para a constituição das metrópoles também proporcionou a apropriação pelo meio urbano de hábitos, saberes, simbolismos e tradições, característicos do meio rural (NASCIMENTO et al.; 2018).

Portanto, as experiências das Agriculturas Urbanas não estão totalmente isoladas da cosmovisão campestre. Pelo contrário, muitas delas surgem como estratégias de reterritorialização dessas pessoas que se encontram na cidade, mas possuem suas raízes no campo (ROA, DENARDIN; 2020). Em diversas cidades do país, já é possível encontrar experiências de produção de alimentos saudáveis a partir de uma Agricultura Urbana de base agroecológica que estão se articulando no CNAU – Coletivo Nacional de Agricultura Urbana. Porém, a Agroecologia não se limita à produção de alimentos pois aborda a sustentabilidade a partir de uma perspectiva multidimensional e transdisciplinar (CAPORAL, COSTABEBER; 2002).

Posto isto, percebe-se que a Agroecologia oferece uma diversidade de ferramentas que podem contribuir com os inúmeros desafios que os centros urbanos enfrentam. Por essa razão, algumas organizações defendem que é possível desenvolver uma



Agroecologia nas cidades, especialmente nas periferias que são territórios que concentram grande parcela de pessoas desterritorializadas oriundas do meio rural e que enfrentam a injustiça econômica, a crise climática e o racismo ambiental diuturnamente.

A comunidade de Entra Apulso, situada em Boa Viagem, zona sul de Recife, Pernambuco, é uma ocupação com uma longa história de luta por moradia e foi o território no qual a experiência deste resumo se desenvolveu. Desde sua origem, os moradores enfrentaram desocupações, mas persistiram em garantir o direito à moradia. Em 1988, a área foi designada como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) para proteger a população da especulação imobiliária. Atualmente, com cerca de 3.500 habitantes em 8,85 hectares, enfrenta problemas de adensamento e falta de áreas verdes. Após esforços políticos, o saneamento básico foi implementado, mas desafios surgiram devido a práticas inadequadas e falta de manutenção. Isso ressaltou a necessidade de Educação Ambiental. A comunidade tem uma história de resistência e cooperação com várias entidades locais, incluindo o Instituto Shopping Recife, que desempenhou um papel importante na promoção do saneamento básico e programas de revitalização. A Educação Ambiental Agroecológica liderada pela Associação Kapi'wara trouxe transformações significativas na comunidade.

## **Metodologia**

O trabalho está amparado no método exploratório de pesquisa e busca aprofundar o entendimento sobre as relações entre Agroecologia, Agricultura Urbana, gestão de resíduos e possíveis desdobramentos para o desenvolvimento da Agroecologia nas cidades. Para isso, foi realizado um levantamento das necessidades e problemas enfrentados na comunidade através de pesquisas participantes e entrevistas com moradores e lideranças comunitárias, seguido de reflexões propositivas em diálogo com os moradores que aplicaram a pesquisa e o que foram entrevistados.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa porta a porta, ouvindo moradores, lideranças comunitárias e empreendedores da localidade, segundo a perspectiva de que “é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados” (NEVES; 1996, p.1).

A pesquisa se desenvolveu no intuito de mapear alguns dos problemas ambientais enfrentados na comunidade a fim de buscar soluções para essas questões. Também desejando contribuir com as reflexões acerca das categorias e conceitos pesquisados a fim de futuramente realizar uma sistematização da experiência mais aprofundada. Sendo assim, o processo de reflexão e ação no território apresentou aos autores a possibilidade de IAP (Investigação-Ação Participativa) integrada à Agroecologia.



Como apresentado por Ernesto Méndez et al. (2018), os princípios-chave da IAP são (i) interesse compartilhado pela investigação, (ii) crença no poder coletivo, (iii) compromisso com a participação, (iv) humildade, (v) confiança e responsabilidade e (vi) comunicação. Mesmo que inicialmente a ação não tenha sido construída enquanto IAP, durante o processo foi percebido um profundo alinhamento com esses princípios-chave. Ernesto Méndez et al. (2018) também relatam que a IAP não é algo que sempre se afirma no início, mas também pode ser uma progressão que pode ser alcançada com intenções claras e participantes dedicados.

## Resultados e Discussão

Diante desse cenário, uma série de ações coletivas baseadas na Educação Ambiental Agroecológica e na Agricultura Urbana passaram a ocorrer no território. Essas ações estavam alinhadas com a perspectiva Lefebvrina do Direito à Cidade. Também alinhada com essa perspectiva, Daniela Almeida et al. (2018) afirma que a agricultura urbana é, ao mesmo tempo, criação e apropriação da cidade. Sendo assim, a formação de agentes ambientais comunitários, baseada na educação popular, foi uma ação coletiva de apropriação da cidade a partir da interface da Agroecologia Política com a Agricultura Urbana.

Alguns temas tratados durante a formação foram: agroecologia, agricultura urbana, compostagem e gestão de resíduos sólidos, políticas públicas ambientais, cartografia social, plantas medicinais, soberania e segurança alimentar e nutricional, direito à cidade, justiça climática, racismo ambiental, comunicação popular, economia solidária e desenvolvimento comunitário. Visto que essa formação desencadeou uma série de processos educativos e de mobilização comunitária, ela pode ser caracterizada como uma fase da Agroecologia Política no território. Esse conjunto de práticas proporcionou a construção de uma política do cotidiano. Segundo Gabriel Ornelas (2021) essa categoria de política do cotidiano pode ser entendida como uma fase inicial da Agroecologia Política e se operacionaliza a partir de:

Atores sociais que promovem a agroecologia; processos educativos de conscientização, aprendizagem e produção de saberes agroecológicos; técnicas e metodologias; engajamento sociopolítico, mobilização comunitária e articulação em rede; formação política e socioambiental; práticas do fazer comum e outras dimensões cotidianas. (ORNELAS, 2021, p. 135)

Todas essas dimensões apresentadas foram vivenciadas durante a formação. Após a conclusão do curso e a finalização da pesquisa-ação realizada na comunidade, os integrantes criaram o Coletivo Chié do Entra. Levando em conta as fases propostas por Gabriel Ornelas (2018), a partir desse momento pode-se afirmar que iniciou-se as Ações Coletivas no território. A princípio o Coletivo Chié do Entra começou a realizar rondas ambientais e rodas de diálogo para sensibilizar e informar a comunidade acerca das boas práticas com o saneamento básico. A estratégia utilizada foi realizar a coleta de óleo usado, a fim de evitar que ele fosse descartado incorretamente no esgoto. Em seguida o óleo era reciclado para ser transformado



em sabão que era devolvido à comunidade. O Coletivo Chié do Entra também ocupou espaços públicos ociosos na comunidade onde antes eram pontos críticos de lixo, transformando-os em espaços semeando a Agricultura Urbana. Entende-se que todos os processos descritos, estabeleceram relações políticas entre os sujeitos, instituições e movimentos do território. Ainda em diálogo e sintonia com Gabriel Ornelas (2021) a categoria Ação Coletiva aparece na Agroecologia Política enquanto:

Redes de movimentos sociais, coletivos e participação política da sociedade civil organizada; formas de organização, recursos, demandas, interesses, coalizões e conflitos; repertórios de interação Estado – Sociedade, protestos e ação direta, participação institucionalizada, política de proximidade, ocupação de cargos na burocracia, entre outros. (ORNELAS, 2021, p. 135)

A partir da definição apresentada, pode-se afirmar que o conjunto de estratégias colocadas em prática na ZEIS Entra Apulso constituíram-se como ações políticas coletivas, sendo assim um avanço e transição da fase da política do cotidiano para a fase das ações coletivas. Neste contexto, a partir do ano de 2022 a Associação Kapi'wara passou a desenvolver uma proposta de Transição Agroecológica neste território a fim de impulsionar diversos projetos e ações coletivas para promover a expansão da Agroecologia na comunidade. As dinâmicas socioterritoriais demonstraram que a comunidade é um território híbrido e de transição a partir do entendimento de Daniela Almeida, sendo assim uma oportunidade de construção de uma "Agroecologia da cidade" (ALMEIDA et al.; 2018).

## **Conclusões**

A partir do desenvolvimento dos processos de Educação Ambiental Agroecológica, baseados em estratégias da Agroecologia Política no território de Entra Apulso; foi possível comprovar que o meio urbano é, também, um ambiente bastante fértil para a implementação da Agroecologia enquanto técnica, prática, movimento e filosofia de vida. Em decorrência deste trabalho de assessoria, realizado pela Associação Kapi'wara, a rede que atua no território conseguiu implementar diversas ações coletivas, entre elas: uma horta comunitária num espaço público ocioso, denominada Jardim Evandro Cavalcanti; a transformação de um ponto crítico de lixo em espaço de convivência comunitária com Agricultura Urbana, batizado Praça de Biino; a implementação de uma Farmácia Viva no posto de saúde da comunidade; consecutivamente, foi oferecido um curso através da articulação com a Secretaria de Saúde do município no intuito de capacitar as agentes de saúde e agentes ambientais comunitários para a utilização de plantas medicinais no atendimento básico do SUS; nas três unidades de ensino do território (creche comunitária, escola municipal e escola estadual) foram implantados sistemas de compostagem pedagógica para realizar a gestão dos resíduos orgânicos e produzir bioinsumos (composto vegetal e biofertilizante) para as áreas verdes da comunidade. Por fim, essa experiência demonstra que a atuação agroecológica em rede, especialmente nas periferias das cidades, é um caminho transformador e esperançoso para a construção de cidades mais resilientes e sustentáveis. Além disso, a experiência



ressalta que a Agroecologia pode emergir nas cidades não apenas via Agricultura Urbana, mas também através do impulsionamento de organizações comunitárias, da gestão de resíduos, da segurança alimentar, da saúde e da Educação Ambiental Agroecológica. Tal perspectiva vem sendo adotada pela Associação Kapi'wara e tem gerado mobilização e transformação comunitária, apresentando-se como uma ferramenta aliada à perspectiva da Agroecologia Política. A partir da práxis da Agroecologia realiza-se a política do cotidiano baseada na educação e comunicação popular. Conseqüentemente desenvolvem-se as ações coletivas que promovem muito aprendizado coletivo e ajudam a construir territórios mais saudáveis.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de et al. Agriculturas urbanas: agroecologia para a cidade, na cidade e da cidade!. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés. **Do modelo agroquímico à agroecologia**: a busca por sistemas alimentares saudáveis e resilientes em tempos de COVID-19. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 57, 2021.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: MDA, 2009.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia**: enfoque científico e estratégico. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.

GLIESSMAN, Steve. **Transforming food systems with agroecology**. Agroecology and sustainable food systems, v. 40, n. 3, p. 187-189, 2016.

MÉNDEZ, V. Ernesto et al. **Agroecología e Investigación-Acción Participativa (IAP)**: Principios y Lecciones de Centroamérica. **Agroecología**, v. 13, n. 1, p. 81-98, 2018.

NASCIMENTO, Carlos Alberto Sarmiento do et al. **A migração do campo para os centros urbanos no Brasil**: da desterritorialização no meio rural ao caos nas grandes cidades. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, n. 5, p. 2254-2272, 2018.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NOVAES, Henrique Tahan. Reestruturação do campo e o fetichismo da “revolução verde”. **Revista Ciências do Trabalho**, v. 9, p. 15-28, 2017.

OCTAVIANO, Carolina. **Muito além da tecnologia**: os impactos da Revolução Verde. **ComCiência**, n. 120, p. 0-0, 2010.

ORNELAS, Gabriel Mattos et al. **Agroecologia e política**: ações coletivas e institucionalização da agroecologia no município de Belo Horizonte (1993-2020). 2021.



ROA, Michael Cruz; DENARDIN, Valdir Frigo. Agricultura Urbana como processo de reterritorialização da cidade de Bogotá (Colômbia) agenciado por vítimas do conflito armado e camponeses. **Anais do Simpósio Latino-Americano de Estudos de Desenvolvimento Regional**, v. 2, n. 1, 2020.